

POLÍTICA

Com Sarney. (E suas atribulações.)

O presidente interino desligou sua televisão, porque o noticiário aumenta a sua angústia e já está irritado com informações de que Tancredo está à morte.



Sarney recebe Sayad em audiência para tratar do plano de emergência que o governo está preparando. (Veja matéria nesta página.)

Reunida ontem de manhã, a Executiva Nacional do PDS distribuiu nota oficial defendendo a imediata fixação de uma data para a eleição direta do próximo presidente da República, a duração do mandato, e a data de 15 de novembro deste ano para a realização de eleições diretas de prefeitos das capitais. Além disso, reiterou a determinação de fazer "permanente, clara e necessária oposição".

O líder do partido no Senado, o ex-ministro Murilo Badaró, admitiu mais tarde que a nota foi uma resposta a insinuações de que o PDS poderia ser atraído para o governo: "Essa nota é para dizer que não postulamos, não desejamos, não fazemos empenho em participar do governo. A bancada do PDS no Senado repele qualquer participação no governo. Estamos dispostos a apoiar o que for fundamental para a estabilidade das instituições. Não faremos, porém, oposição insensata, desvirada, a ponto de negar apoio ao que for de interesse público".

Reportando-se aos pontos principais da nota, Badaró garantiu que, "para facilitar as eleições nas capitais, o PDS fará toda espécie de concessões". E observou que "há interesse do PMDB de que os atuais prefeitos sejam elegíveis. É problema de São Paulo, ouço falar que o pessoal está com medo do Jânio. Eles temem o Jânio".

O líder pedessista não aceita a argumentação dos líderes do PMDB, Pimenta da Veiga (Câmara) e Humberto Lucena (Senado), segundo os quais o mandato do presidente da República não pode ser mutilado: "Só há dois pontos que não podem ser mudados na Constituição, os relativos à Federação e à República. Queremos que se defina desde já a eleição direta de presidente da República e o mandato

A promessa de Sarney de que cumprirá os compromissos de Tancredo agradou aos políticos, que responderam com elogios e ponderações. O principal partido de oposição definiu, numa nota oficial, suas posições e exigências para a reforma eleitoral.

O PDS só fala em eleições diretas

de até quatro anos, conforme já fora anunciado por Tancredo Neves".

Prisco Viana, líder do PDS na Câmara, disse que "a Aliança Democrática pode se dedicar com tranquilidade à tarefa de montar os diversos escalões do governo porque o PDS não está interessado nisso. Deseja que ela resolva logo o problema da montagem da administração e comece a governar para que possamos dar ritmo à oposição. A Aliança é que tem de dar sustentação política ao governo".

Coalizão

Em Porto Alegre, o governador Jair Soares defendeu um governo de coalizão para o País com a participação de todos os partidos políticos, única forma de superação dos graves problemas econômicos e sociais. E disse que o PDS deve dar uma trégua ao novo governo por um prazo indefinido: "As circunstâncias políticas é que determinam a duração desse prazo".

Indagado sobre se as instituições estariam ameaçadas, Soares observou que, "quando a imprensa começa a especular muito, é por-

que existe alguma coisa por trás". O governador defendeu o cumprimento do programa de Tancredo Neves caso ele não possa assumir o governo, "até como uma homenagem a este notável homem público". E foi contra mudanças no Ministério, "pois não há razões que justifiquem".

O primeiro ministro a dizer que porá seu cargo à disposição caso a interinidade de Sarney se prolongue já apareceu: Renato Archer, da Ciência e Tecnologia. Archer disse que o fará "como manda a ética dos regimes presidencialistas", mas acrescentou que, se for confirmado, continuará no Ministério, "pois nesta hora o importante é a união de todos pelo interesse nacional". Não quis comentar sobre suas antigas divergências com Sarney na política maranhense, reafirmando que "a hora é muito grave e divergências antigas e problemas pessoais não devem ser levados em conta nem serem colocados acima do interesse nacional".

As promessas

A afirmação do presidente José Sarney de que cumprirá as pro-

messas feitas por Tancredo Neves repercutiu bem entre os políticos. Houve até quem, como o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), dissesse que "paradoxalmente ele pode até mesmo ter mais condições objetivas do que Tancredo Neves, porque tem menos comprometimento e, portanto, está com as mãos livres. Pode até fazer mais".

Alberto Goldman (PMDB-SP) disse que Tancredo Neves aplinou o caminho para Sarney: "A Sarney, agora, só falta o acabamento, já que um programa de governo não existia mesmo". Elquisson Soares (PMDB-BA) fez votos para que a vocação de Sarney se dirija para a liberdade e a justiça social e sugeriu que o fundamental é enxergar Sarney a partir da fatalidade do dia 14 de março, quando se portou de modo irrepreensível.

Em Londrina, o senador Álvaro Dias (PMDB-PR) previu que "se ocorrer o pior será obrigatório para Sarney fazer uma grande administração", porque o vice-presidente "não tem o mesmo respaldo político de Tancredo". O senador admitiu que o presidente interino poderá fazer algumas alterações no Ministério, porque "o estilo é diferente".

Já o governador Leonel Brizola, no Rio, examinou sua audiência de anteontem com Sarney em encontro com comandante do Primeiro Distrito Naval, vice-almirante Valbert Lisieux Medeiros. Disse que a audiência foi positiva, que ele e Sarney concordaram em que temas delicados como a Constituinte devem ser deixados para depois deste momento de comoção nacional, e revelou que a participação do PDT no poder, como parte do pacto de apoio ao governo, não foi discutida. Brizola insistiu em que Sarney deve ser apoiado, mas que o País vive um período transitório.

"Fui atingido por um raio." Este foi mais um desabafo do presidente interino José Sarney, ao conversar com um grupo de parlamentares da Frente Liberal do Rio e se referir ao imprevisto de ter de substituir o presidente Tancredo Neves "em circunstâncias tão difíceis e inesperadas". O próprio Sarney comentou ainda que tal frase teria sido usada também pelo vice-presidente Pedro Aleixo no episódio da doença e posterior morte do general Costa e Silva.

O dia foi mais uma vez atribulado para o presidente interino, que, apesar do relatório esperançoso apresentado na véspera pela televisão pelo dr. Henrique Pinotti, manteve a mesma expectativa pessimista durante todo o desenrolar do expediente no Palácio do Planalto. Sarney almoçou na residência oficial do Jaburu com o escritor Josué Montello e, como já vinha fazendo há dias, manteve a televisão desligada para não sofrer angústia prolongada com a constância do noticiário sobre a saúde de Tancredo. Nos últimos dias Sarney vinha limitando-se a telefonar para o Instituto do Coração e falar com alguns dos médicos da equipe que assiste a Tancredo, o assessor especial Mauro Salles e o porta-voz Antônio Brito.

Sarney manteve o mesmo ritmo de trabalho intenso, reunindo-se com os chefes dos gabinetes Civil e Militar e do SNI, além de conceder audiências a ministros e alguns parlamentares. Um grupo de deputados do PMDB baiano, liderado por Jorge Medauar, apresentou sugestões para a indicação do novo secretário geral da Ceplac, órgão ligado à economia cacaueteira do Estado, cuja indicação está gerando disputas acirradas na bancada do partido. Sarney pediu-lhes que tentassem chegar a uma alternativa de consenso, com a intermediação do líder Pimenta da Veiga.

A solidariedade

O deputado carioca Rubem Medina, ex-PDS agora na Frente Liberal, comunicou oficialmente sua candidatura à prefeitura do Rio de Janeiro, recebendo estímulos do presidente interino. Sarney recebeu também uma manifestação de solidariedade dos presidentes das confederações nacionais da Agricultura, Indústria, Transportes e Bancos, aos quais reiterou a priori-

dade do governo para o setor social e defendeu os postulados da livre iniciativa. O presidente cumpriu toda a agenda e retirou do Palácio às 18h40, quando as notícias de São Paulo indicavam novo agravamento do estado de saúde de Tancredo.

José Sarney havia decidido, nos últimos dias, informar-se apenas com os porta-vozes qualificados do Instituto do Coração a fim de evitar pareceres alarmistas. Afinal, pelo menos três vezes desde que se agravou a saúde de Tancredo informaram-lhe que o presidente eleito estava à morte, o que provocou irritação e angústia no presidente interino. De qualquer modo, as informações continuavam sendo centralizadas no Gabinete Militar, enquanto o chefe do SNI se mantinha em contato freqüente com o Instituto do Coração.

O pessimismo

Ao longo da tarde Sarney recebeu os relatórios dos ministros sobre o desempenho de cada setor no primeiro mês do governo, que seriam utilizados para a elaboração de seu pronunciamento na reunião do Ministério, cancelada em razão do agravamento do estado de saúde de Tancredo. Mesmo assim, Sarney saiu do Palácio com vários quilos de documentos no carro. Enquanto isso, os funcionários palacianos suspenderam a colocação da grande mesa de reuniões do Ministério no Salão Leste e foram orientados pelo cerimonial para a eventualidade de ser preparado o salão nobre do segundo andar para as cerimônias fúnebres de Tancredo Neves.

O dia foi encerrado no Palácio do Planalto em clima de extremo pessimismo. Sarney saiu para o Jaburu deixando todas as providências adotadas para a eventualidade do falecimento do presidente, de acordo com as normas protocolares constantes do cerimonial da Presidência da República. As instalações de televisão ficaram prontas para a eventualidade de um pronunciamento oficial do presidente interino, comunicando à Nação o desfecho do drama de Tancredo, oportunidade em que Sarney voltaria do Jaburu especialmente para fazer a gravação. Seus auxiliares esperavam que poucos ministros comparecessem à residência oficial, a fim de poupá-lo emocionalmente.